

Entre Guerras

Das invasões Napoleónicas à Primeira Guerra Mundial

CORO DO TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS
ORQUESTRA SINFÓNICA PORTUGUESA

LUDWIG VAN BEETHOVEN
CHARLES GOUNOD
EDWARD ELGAR

© AT THE FRONT, GEORGE COCHRAN, LAMBIDN, 1866

16 MAI • 19H

Teatro Aberto,
Lisboa

opart
ORGANISMO
DE PRODUÇÃO
ARTÍSTICA, EPE

TNSC
Teatro Nacional de São Carlos

Entre Guerras

Ludwig van Beethoven (1770-1827)

Wellingtons Sieg oder Die Schlacht bei Vittoria, Op. 91

Erste Abteilung: Schlacht

Zweite Abteilung: Sieges-Symphonie

Charles Gounod (1818-1893)

Gallia, GC 40, para soprano, coro e orquestra

I. Introdução e coro: Quomodo sedet sola

II. Cantilena: Viae Sion lugent

III. Solo e coro: O vos omnes qui transitis per viam

IV. Final: Jerusalem!

Edward Elgar (1857-1934)

The Spirit of England, Op. 80, para soprano, coro e orquestra

1. The Fourth of August

2. To Women

3. For the Fallen

Duração: c. 1h

Soprano Susana Gaspar

Direção musical Antonio Pirulli

Coro do Teatro Nacional de São Carlos

Maestro titular Giampaolo Vessella

Orquestra Sinfónica Portuguesa

Coach de inglês Tomás Frazer



Travessias

A propósito de cada eixo programático, reservamos espaço para uma Travessia que se inicia na música e desagua noutras áreas do conhecimento. Nesta conversa prévia ao

espetáculo, lançamos pistas para uma melhor compreensão do concerto e convidamos à reflexão sobre o nosso tempo.

A propósito de Guerra

De que pode servir produzirmos obras de arte sobre a Guerra?

Para nossa vergonha, sempre existiram guerras, e parece que o presente está a ressuscitar muitas ideias e sentimentos que esperávamos não ter de voltar a ter. As reações que os conflitos bélicos provocaram foram, ao longo dos tempos, criando novos olhares. Com o avançar do século XX, cada vez menos nos prendemos com o lado descritivo das batalhas, com o enaltecimento dos combatentes, com as ideias patrióticas, com os vãos orgulhos

nacionalistas. A morte e a inutilidade da guerra começam a tomar conta do terreno e a inspiração artística torna-se reflexiva, angustiada, consciente da pouca força real que pode ter. Mas também quase só ela nos pode ainda ensinar a pensar, a despertar e a isolar sentimentos que dificilmente conseguimos justificar.

Que as peças musicais que vos propomos nos ajudem a encarar e compreender — se tal é possível! — tamanho absurdo...

Cláudia Pedra, *Presidente da Amnistia Internacional (Portugal)*
Luís Santos, *Musicólogo*

Andrea Lupi, *Moderadora*

Wellingtons Sieg, Op. 91

A obra de Ludwig van Beethoven tem sido consensualmente dividida em três grandes períodos criativos. Por volta de 1803, observa-se uma mudança fundamental na sua concepção estilística, para aquele que é comumente tido como o seu período médio, ou «estilo heroico». Esta fase prolongar-se-ia até cerca de 1814, marcada por um novo ímpeto criativo revelador da sua recuperação da prostração causada pelo surgimento da sua surdez progressiva. Trata-se, assim, de uma fase marcada pelo aprofundamento da linguagem musical que havia herdado de Haydn e Mozart, bem como pela composição de várias obras em grande escala, incluindo a maior parte da sua música orquestral. A 21 de junho de 1813, era travada a Batalha de Vitoria, no norte de Espanha, opondo as forças aliadas britânicas, portuguesas e espanholas, sob o comando do futuro duque de Wellington, ao exército francês. A notícia da derrota francesa, que contribuiu para o fim da Guerra Peninsular e até das Guerras Napoleónicas, levaria o inventor Johann Nepomuk Mälzel a convidar o seu amigo Beethoven a compor uma peça comemorativa para o seu novo pan-harmónico (uma espécie de orquestra mecânica). A versão orquestral de *Wellingtons Sieg* [A Vitória de Wellington], Op. 91, dedicada ao príncipe regente, futuro rei Jorge IV, seria estreada em Viena, a 8 de dezembro

de 1813, sob a direção do compositor, num concerto em benefício das tropas austríacas e bávaras que combatiam Napoleão, cujo programa incluía também as estreias das *Sífonias* n.ºs 7 e 8. A peça está construída em duas grandes partes. A primeira, *Schlacht* [«Batalha»], é um momento de música programática que procura descrever com realismo a paisagem sonora do evento, incluindo efeitos especiais produzidos por dispositivos que simulam o som da artilharia. Enquanto o exército britânico entra em cena ao som da canção patriótica *Rule, Britannia!*, em Mi bemol maior, a chegada do exército francês é ilustrada ironicamente com a canção burlesca *Malbrough s'en va-t-en guerre*, em Dó maior. Quando o conflito abranda, inicia-se uma segunda parte, *Sieges Sinfonie* [«Sinfonia da Vitória»], concebida como uma forma sonata sem desenvolvimento. O primeiro tema, *Allegro con brio*, em Ré maior, é uma fanfarra festiva tocada pelo *tutti*, que a certa altura dá lugar a um segundo tema, *Andante grazioso*, em Si bemol maior, que consiste numa breve citação pelos sopros do *God Save the King*. Estes temas são, depois, reexpostos na tonalidade principal, conduzindo agora a uma coda fugada, elaborada em torno de uma ideia derivada do hino citado, que encerra a peça com uma proclamação triunfante.

Gallia (Lamentation), CG 40, para soprano, coro e orquestra

Charles Gounod foi um dos compositores de ópera mais respeitados em França na segunda metade do século XIX, tendo deixado também uma produção ampla no campo da música sacra, da canção e da música orquestral. Visto como o principal compositor francês após a morte de Berlioz, a sua obra exerceu uma influência considerável sobre a geração seguinte. Em setembro de 1870, o desaire do exército francês na Batalha de Sedan, que abria caminho ao cerco de Paris e praticamente determinava a derrota de Napoleão III na Guerra Franco-Prussiana, levava o compositor a procurar refúgio em Inglaterra, com

a família. A decisão acabaria por ditar mudanças de relevo na sua vida pessoal e profissional: restaurada a paz, em 1871, optou por não acompanhar a família no regresso a Paris, e quando, três anos mais tarde, se resolveu a fazê-lo encontrou um meio musical dominado por um conjunto de jovens compositores em ascensão (Saint-Saëns, Massenet, Fauré, entre outros). É desse período londrino que data o motete *Gallia*, CG 40 para soprano, coro e orquestra. A obra foi composta em 1871, em resposta a uma encomenda da administração da Exposição Internacional de Londres para a abertura do certame, tendo sido

estreada no Royal Albert Hall, a 1 de maio de 1871, perante dez mil pessoas. Trata-se de uma elegia sobre um texto bíblico do *Livro das Lamentações*, em que o profeta Jeremias retratava a destruição da antiga Jerusalém por Nabucodonosor II, no ano de 587 a. C., convocando o povo à oração e à fidelidade ao seu Deus. Recorrendo ao título *Gallia* — evocativo do antigo território acoçado pela hostilidade germânica e romana —, Gounod assimilava a França derrotada à Jerusalém em ruínas, numa exortação que era expressão, simultaneamente, de um sentimento nacionalista e religioso. O 1.º andamento, *Introdução e coro*, abre com uma breve introdução orquestral que estabelece a atmosfera plangente e dramática em que o coro, cantando «Quomodo sedet sola», deplora a situação

da «Cidade Rainha das Cidades», abandonada e solitária. O lamento prolonga-se na *Cantilena* que se segue, na qual o soprano solista está em destaque, com uma melodia lúgubre, saturada de cromatismos e dissonâncias, acompanhada pelas cordas e colorida pelos sopros. Após um expressivo silêncio, o 3.º andamento, *Solo e coro*, abre com uma eloquente invocação do solista, «O vos omnes qui transitis per viam», que depois se torna mesmo, com o coro e a orquestra, num apelo à vindicta contra a insolência do subjugador. Por fim, o *Final* inicia-se com nova exortação do solista, «Jerusalem! Covertere ad Dominum Deum tuum!», logo reiterada pelo coro e amplificada pela orquestra, culminando num crescendo inflamado.

The Spirit of England, Op. 80, para soprano, coro e orquestra

Edward Elgar destacou-se no panorama da música britânica do seu tempo pela sua singularidade estilística. Autodidata de formação, desenvolveu os seus recursos enquanto compositor a partir do estudo que efetuou dos modelos germânicos de Schumann, Brahms e Wagner, bem como de compositores franceses do século XIX como Berlioz, Massenet, Saint-Saëns e Delibes, salientando-se em particular o contributo que forneceu para a literatura sinfónica. No início de 1915, por sugestão do seu amigo Sidney Colvin, o compositor interessava-se por *The Wincing Fan*, uma antologia de poesia sobre a Grande Guerra publicada no final de 1914 por Laurence Binyon (1869-1943). Dos três poemas selecionados, foi ainda nesse ano que terminou «For the Fallen», completando, em fevereiro do ano seguinte, «To Women». Porém, demoraria vários meses mais a concluir «The Fourth of August» (que evocava a data da declaração de guerra à Alemanha), dada a admiração que nutria por esse país e pela sua cultura. Este seria terminado em maio de 1917, numa altura em que outros dois números já tinham sido estreados, em Leeds, a 3 de maio de 1916. A estreia da versão integral da cantata *The Spirit of England*, Op. 80, para soprano (ou tenor), coro e orquestra, teria lugar em Birmingham, a 4 de outubro de 1917, dedicada «à memória dos nossos homens gloriosos». Se numa primeira fase a receção não foi unânime, mais tarde seria reconhecido o interesse da obra, que exerceu até uma influência determinante sobre o *War Requiem* (1962) de Benjamin Britten. O primeiro

andamento, «The Fourth of August», *Moderato e maestoso*, em Sol maior, é dominado por uma nota de dignidade, num apelo patriótico pela prosperidade da Inglaterra. Numa secção central, surge um episódio mais dramático, que depois se torna mais lírico e expressivo, antes de retomar a atmosfera do início para terminar de forma arrebatada. Segue-se «To Women», *Moderato*, em Lá bemol maior, sobre um texto que enaltece os sacrifícios das mulheres durante o conflito, destacando a sua resiliência por entre medos e dificuldades. Aqui, a linguagem de Elgar assume contornos quase impressionistas, em particular nas delicadas secções extremas que enquadram um episódio central notavelmente assombroso. Por fim, o terceiro andamento, «For the Fallen», *Solenne*, em Lá menor, coloca em música uma elegia comovente, que constitui uma homenagem atemporal aos mortos na guerra, num espírito de solenidade e reverência captados por Elgar com extrema sensibilidade. O ambiente inicial, próximo de uma angustiada marcha fúnebre, contrasta com a agitação rítmica de uma secção central, mas a atmosfera lutuosa impõe-se de novo, construindo um clímax impressionante colapsando no silêncio.

Luís M. Santos
Musicólogo



© DR

Susana Gaspar

Soprano

Susana Gaspar representou Portugal no «Cardiff Singer of the World», em 2023. Dos papéis operáticos, destacam-se: Violetta/*La traviata*; Mimi/*La bohème*; Cio Cio-San/*Madama Butterfly*; Vittelia/*La clemenza di Tito*; Mélisande/*Pelléas et Mélisande*; Manon/*Manon*; Marguerite/*Faust*; Azema/*Semiramide* (Rossini) e Clara/*Il proscritto* (Mercadante), ambas gravadas para a Opera Rara; Gilda/*Rigoletto*; Paride/*Paride ed Elena*; Clarice/*Il mondo della luna* (P. Avondano); Sevilha/*Guerras de Alecrim e Manjerona* (António Teixeira); Josephine/*Comedy on the Bridge* (Martinu); Lauretta/Gianni Schicchi e Vi/*Blue monday* (Gershwin). Como jovem artista na Royal Opera House Covent Garden, interpretou os papéis de Barbarina/*Le nozze di Figaro*, Contessa di Ceprano/*Rigoletto*, Giannetta/*L'elisir d'amore*, First innocent/*Minotaur* (Birtwistle), Papagena/*Die Zauberflöte* e Voz do Céu/*Don Carlo*. No Linbury Theatre da ROH, cantou numa produção encenada de *Les nuits d'été* (Berlioz), e Aurore *Le portrait de Manon* (Massenet), ambas gravadas para a editora Opera Rara. Próximos e recentes projetos incluem Donna Elvira na Fundação Calouste Gulbenkian no projeto *Don Giovanni* ou *O dissoluto absolvido* (Mozart/Saramago), Governess/*Turn of the screw* (Britten), gravação do III volume de canções para piano e voz de Fernando Lopes-Graça, com o pianista Nuno Vieira de Almeida, Violetta Valéry/*La traviata*, num filme a ser rodado no Reino Unido pela OperaGlass Works, Marzelline/*Fidelio* e Moça Pastora/*Trilogia das Barcas* para o Teatro Nacional de São Carlos. No verão de 2025, representará o papel de Marschallin na ópera *Der Rosenkavalier*, na Opéra de Bagé.



© BRUNO SIMÃO

Antonio Pirolli

*Direção musical e Maestro titular
da Orquestra Sinfónica Portuguesa*

Natural de Roma, licenciou-se em piano, composição, música coral e direção de orquestra na Academia de Santa Cecília. Aperfeiçoou-se com Zoltán Peskó, Vladimir Delman e Rudolf Barshai, tendo conseguido o 3.º prémio no Concurso Arturo Toscanini de Parma. De 1995 a 2001, foi diretor musical no Teatro de Ópera de Ancara, ocupando, de 2001 a 2005, o mesmo cargo na Ópera Estatal de Istambul. Dos compromissos passados e mais recentes, destacam-se: *Lucia di Lammermoor* em Buenos Aires e Bari; *La Gioconda* em Santander; *Andrea Chénier* em Berlim e na Catânia; *Macbeth* em Lisboa; *Aida* em Copenhaga e Caracalla; *Il trovatore*, *Anna Bolena* e *Ernani* na Catânia; *Tosca* em Florença e Bari; *Turandot* em Copenhaga, Verona e Catânia; *Aroldo* em Bilbao; *Il barbiere di Siviglia* em Tóquio, Valência e Verona; *Carmen* em Copenhaga e Avenches; *Faust* em Tóquio e Santander; *Un ballo in maschera* em Salerno e Lisboa; *Madama Butterfly* em Ancona; *Medea* no circuito As.Li.Co.; *Norma* em Trapani e Spalato; *Attila* em Lecce e Roma; *Otello* em Lisboa; *Manon Lescaut* em Torre del Lago; *Nabucco* em Caracalla e Lisboa; *Rigoletto* em Tóquio; *Falstaff* em Xangai; e *La forza del destino* em Lisboa. Atualmente, é maestro titular da Orquestra Sinfónica Portuguesa.



© BRUNO SIMÃO

Coro do Teatro Nacional de São Carlos

O Coro do Teatro Nacional de São Carlos, criado em 1943 sob a titularidade de Mario Pellegrini, tem atuado sob a direção de importantes maestros (Pedro de Freitas Branco, Votto, Serafin, Gui, Giulini, Klemperer, Zedda, Solti, Santi, Rescigno, Navarro, Rennert, Burgos, Conlon, Christophers, Plasson, Minkowski, entre outros) e colaborado com marcantes encenadores (Pountney, Carsen, Vick). Entre 1962 e 1975, o Coro colaborou nas temporadas da Companhia Portuguesa de Ópera (Teatro da Trindade), tendo-se deslocado com a mesma à Madeira, aos Açores, a Angola e a Oviedo. O conjunto tem regularmente abordado o repertório de compositores nacionais (Alfredo Keil, Augusto Machado) e tem participado em estreias mundiais de óperas de Fernando Lopes-Graça, António Victorino d'Almeida, António Chagas Rosa e Nuno Côrte-Real. Em 1980, formou-se um primeiro núcleo coral a tempo inteiro e, três anos depois, assumiu-se a profissionalização plena, sob a direção de Antonio Brainovitch. A partir de 1985, a afirmação artística do conjunto foi creditada a Gianni Beltrami, e o titular seguinte foi João Paulo Santos. Sob a responsabilidade destes dois maestros, o Coro registou marcantes êxitos internacionais: *Grande messe des morts* de Berlioz (1989 – Turim); *Requiem* de Verdi (1991 – Bruxelas) e *Concerto* Henze/Corghi (1997 – Festival de Granada). Giovanni Andreoli assumiu o cargo em 2004. Sob a sua direção, o Coro averbou êxitos num vasto e variado repertório. Em 2005, o Coro foi convidado pela Ópera de Génova para participar em récitas da ópera *Billy Budd* de Britten, convite que se repetiu em 2015. Giampaolo Vessella é o maestro titular desde janeiro de 2021.



© BRUNO FRANGO

Giampaolo Vessella

Maestro titular

do Coro do Teatro Nacional de São Carlos

É, desde janeiro de 2021, maestro titular do Coro do Teatro Nacional de São Carlos. Estudou trombone, composição, música coral e direção coral no Conservatório de Música Giuseppe Verdi, em Milão. De 2016 a janeiro de 2021, foi maestro do Coro da Devlet Opera ve Balesi de Ancara e, de 2018 a janeiro de 2021, desempenhou as funções de orientador vocal do Coro da Rádio e Televisão da Turquia. Simultaneamente à sua carreira como barítono solista, prosseguiu a atividade como maestro de coro, a partir de 1993, quando criou o Schola Cantorum «Cantate Domino» de Carbonate (Itália). Em 1996, fundou o Coro «Euphonia», em Carbonate, do qual foi diretor artístico e orientador vocal. O Coro «Euphonia» foi levado à descoberta do mundo da ópera, tendo interpretado, ao longo dos anos, os mais importantes títulos do repertório melodramático. De janeiro de 2002 a 2016, dirigiu o Coro Lirico dell'Associazione Musicale Calauce de Calolziocorte (Itália). De 2006 a 2016, dirigiu o coro lírico «Corale Arnatese» e, de setembro de 2012 a 2015, foi o maestro do Coro Operístico de Mendrisio (Suíça). Em 2015, fundou o Coro Sinfónico Ticino. Durante vários anos, lecionou técnica, pedagogia e didatismo de canto para maestros de coro, em cursos organizados pela Unione Società Corali Italiane, de cujo Comité Artístico foi membro. Como *freelancer*, é regularmente convidado, por *ensembles* e coros, a orientar *masterclasses* e cursos de canto, tanto em Itália como no resto do mundo.



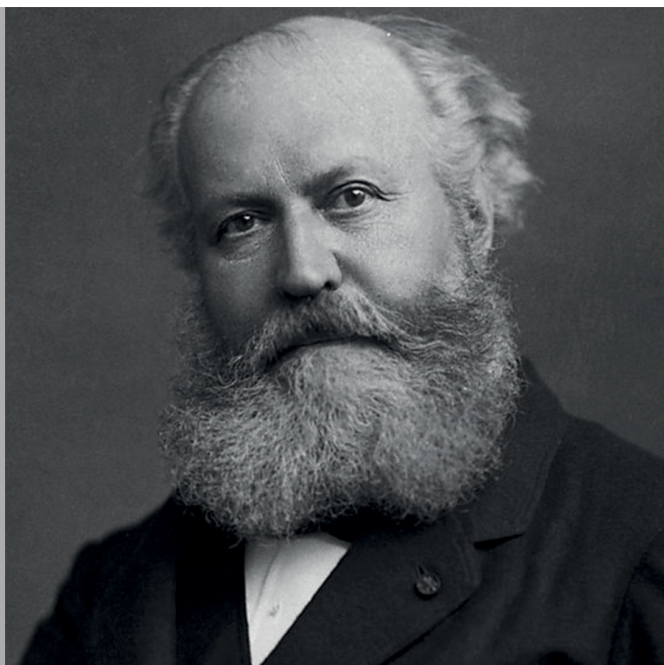
© BRUNO SIMÃO

Orquestra Sinfónica Portuguesa

Criada em 1993, a Orquestra Sinfónica Portuguesa (OSP) é um dos corpos artísticos do Teatro Nacional de São Carlos e tem vindo a desenvolver uma atividade sinfónica própria, incluindo uma programação regular de concertos e participações em festivais de música nacionais e internacionais. Colabora regularmente com a Rádio e Televisão de Portugal através da transmissão dos seus concertos e óperas pela Antena 2, designadamente a realização da tetralogia *O anel do Nibelungo*, transmitida na RTP2, e a participação em iniciativas da própria RTP, como o Prémio Pedro de Freitas Branco para Jovens Chefes de Orquestra, o Prémio Jovens Músicos-RDP e a Tribuna Internacional de Jovens Intérpretes. No âmbito das temporadas líricas e sinfónicas, a OSP tem-se apresentado sob a direção de notáveis maestros, como Rafael Frühbeck de Burgos, Alain Lombard, Nello Santi, Alberto Zedda, Harry Christophers, George Pehlivanian, Michel Plasson, Krzysztof Penderecki, Djansug Kakhidze, Milán Horvat, Jeffrey Tate e Iuri Ahronovitch, entre outros. A discografia da OSP conta com dois CD para a etiqueta Marco Polo, com as *Sinfonias n.ºs 1, 3, 5 e 6* de Joly Braga Santos, que gravou sob a direção do seu primeiro maestro titular, Álvaro Cassuto, e *Crossing borders* (obras de Wagner, Gershwin e Mendelssohn), sob a direção de Julia Jones, numa gravação ao vivo pela Antena 2. Em maio de 2022, foi lançado o CD editado pela Naxos com obras de Fernando Lopes-Graça, sob a direção de Bruno Borralhinho. No cargo de maestro titular, seguiram-se José Ramón Encinar (1999-2001), Zoltán Peskó (2001-2004) e Julia Jones (2008-2011); Donato Renzetti desempenhou funções de primeiro maestro convidado entre 2005 e 2007. Joana Carneiro foi maestrina titular de 2014 a 2021. Atualmente, a direção musical está a cargo de Antonio Pirolli, seu maestro titular. A Orquestra Sinfónica Portuguesa completou 30 anos de atividade em 2023.



Charles Gounod



I. Quomodo sedet sola

*Quomodo sedet sola civitas piena populo:
facta est quasi vidua Domina gentium:
Princeps provinciarum, facta est sub tributo.
Plorans ploravit in nocte, lacrimae ejus in maxilli
ejus. Non est qui consoletur eam, exo minibus charis
ejus; Omnes amici ejus speverunt eam, et facti
sunt ei inimici.*

Como se encontra solitária a cidade antes tão povoada!
Tornou-se como uma viúva aquela que sobrepujava
as nações. Rainha entre as províncias, ficou sujeita
ao tributo. Chora sem cessar pela noite adentro, as
lágrimas correm-lhe pelas faces; não há quem a console
entre todos os que a amam. Todos os seus amigos a
traíram, tornaram-se seus inimigos.

II. Viae Sion lugent

*Viae Sion lugent, eo quod non sint qui veniant
ad solemnitatem.
Omnes portae ejus destructae, sacerdotes ejus
gementes; virgines ejus squalidae et ipsa
oppressa amaritudine.*

Estão de luto os caminhos de Sião, pois não há quem
venha às suas festas.
Todas as suas portas se encontram destruídas; gemem
os seus sacerdotes; afligem-se as virgens, e ela mesma
está cheia de amargura.

III. O vos omnes qui transitis per viam

*O vos omnes qui transitis per viam, attendite et videte
si est dolor sicut dolor meus.*

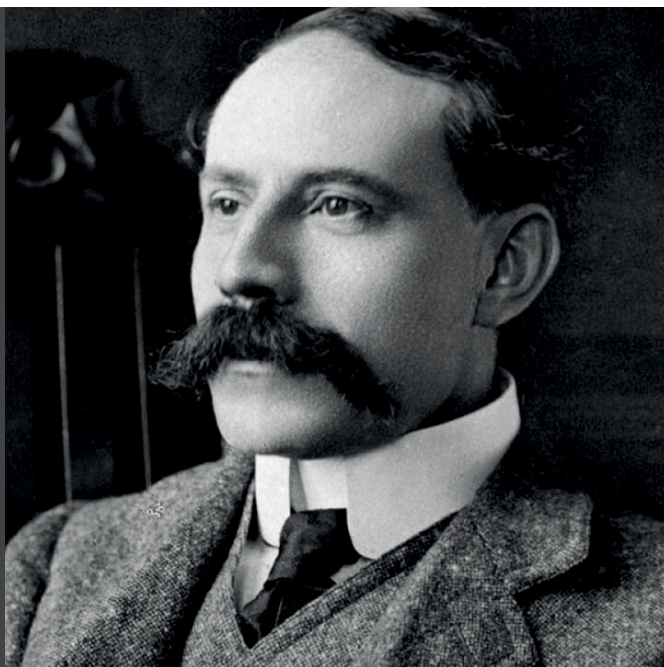
Ó vós que passais pelo caminho, olhai e vede se existe
dor semelhante à dor que me atormenta.

IV. Jerusalem

*Vide Domine afflictionem meam, quoniam erectus
est inimicus.
Jerusalem! Convertere ad Dominum Deum tuum!*

Olhai, Senhor, para a minha miséria porque o inimigo
triunfa.
Jerusalém! Volta ao Senhor teu Deus!

Edward Elgar



The Fourth of August

*Now in thy splendour go before us,
Spirit of England, ardent eyed,
Enkindle this dear earth that bore us,
In the hour of peril purified.*

*The cares we hugged drop out out of vision,
Our hearts with deeper thoughts dilate.
We step from days of sour division
Into grandeur of our fate.*

*For us the glorious dead have striven,
They battled that we might be free.
We to their living cause are given;
We arm for men that are to be.*

*Among the nations noblest chartered,
England recalls her heritage,
In her is that which is not bartered.
Which force can neither quell nor cage.*

*For her immortal star are burning;
With her, the hope that's never done,
The seed that's in the Spring's returning,
The very flower that seeks the sun.*

*She fights the fraud that feeds desire on
Lies, in lust to enslave or kill,
The barren creed of blood and iron,
Vampire of Europe's wasted will...*

*Endure, O Earth! and thou, awaken,
Purged by this dreadful winnowing-fan,
O wronged, untameable, unshaken
Soul of divinely suffering man.*

4 de agosto

Vem agora a nós, em todo o teu esplendor,
Alma de Inglaterra, plena de entusiasmo,
Inflama este solo que nos criou
Nesta hora de perigo purificador.

As nossas preocupações desaparecem,
Os nossos corações abraçam ideias maiores.
Saímos dos dias de amarga divisão
Em direção ao nosso glorioso destino.

Foi por nós que batalharam os que em glória morreram,
Lutaram para que pudéssemos ser livres.
À sua causa nos entregamos,
Armamo-nos pelos homens que hão de vir.

Por entre as mais nobres nações
Inglaterra reclama a sua herança,
Nela está aquilo que não pode ser vendido,
Que a força não pode acabrunhar ou enjaular.

Para ela as estrelas imortais brilham;
Nela vive a esperança que nunca morre,
O renascer que vem em cada primavera,
A flor que procura o sol.

Ela combate o embuste que alimenta o desejo
Com mentiras, o prazer de matar e escravizar.
O estéril credo do sangue e do aço,
Vampiro da vontade devastada da Europa...

Tolera, ó Mundo! E, tu, acorda,
Purgada por esta terrível peneira,
Ó injustiçada, indomável, inabalável
Alma do sublime sofrimento humano.

To Women

*Your hearts are lifted up, your hearts
That have foreknown the utter price.
Your hearts burn upward like a flame
Of splendour and of sacrifice.*

*For you, you too, to a battle go,
Not with the marching drums and cheers
But in the watch of solitude
And through the boundless night of fears.*

*Swifter, swifter than those hawks of war,
Those threatening wings that pulse the air.
Far as the vanward ranks are set.
You are gane before them,
You are there.*

*And not a shot comes blind with death,
And not a stab of steel is pressed
Home, but invisibly tore
And entered first a woman's breast.*

*Amid the thunder of the guns.
The lightning's of the lance and sword
Your hope. your dread.
 your throbbing pride
Your infinite passion is outpoured.*

*From hearts that are as one high heart
Withholding naught from doom and bale
Burningly offered up, - to bleed.
To bear, to break, but not to fail.*

Às Mulheres

Os vossos corações ao alto, corações
Que previram o preciso preço a pagar.
Os vossos corações ardem como chama
De magnificência e sacrifício.

Pois também vocês vão para o combate,
Não por entre tambores e vivas
Mas numa solitária vigilância
Por entre a imensa noite de medos.

Mais velozes do que esses falcões de guerra,
Do que essas asas que batem nos ares,
Mais longe do que a frente de batalha.
Vocês partiram antes deles.
Vocês já lá estão.

E nenhuma bala mensageira da morte,
Nenhum golpe de aço é desferido
Que, embora invisível, não tenha
Atingido o peito de uma mulher.

Por entre o trovejar das armas.
Por entre o lampear de lanças e espadas.
A vossa esperança, os vossos medos,
 o vosso orgulho palpitante.
O vosso infinito amor são derramados.

Corações que são um só coração
Impedindo em vão a morte e a destruição.
Ardentemente expostos a sangrar.
Sofrer, quebrar, mas nunca falhar!

For the Fallen

*With proud thanksgiving, a mother for her children,
England mourns for her dead across the sea.
Flesh of her flesh they were, spirit of spirit,
Fallen in the cause of the free.*

*Solemn the drums thrill: death august and royal
Sings sorrow up into immortal spheres.
There is music in the midst of desolation
And a glory that shines upon our tears.*

*They went with songs to the battle, they were young,
Straight of limb, true of eye, steady and aglow.
They were staunch to the end against odds uncounted,
They fell with their faces to the foe.*

*They fought, they were terrible, nought could tame them,
Hunger, not legions, nor shattering
cannonade.
They laughed, they sang their melodies of England,
They fell open eyed and unafraid.*

*They shall grow not old, as we that are left
grow old;
Age shall not weary them, nor the years
condemn.
At the going down of the sun and in the morning
We will remember them.*

*They mingle not with laughing comrades
again;
They sit no more at familiar tables of home;
They have no lot in our labour of the day-time;
They sleep beyond England's foam.*

*But where our desires are and our hopes
profound.
Felt as a well-spring that is hidden from sight.
To the innermost heart of their own land they
are known
As the stars are known to the Night.*

*As the stars that shall be bright when we are dust,
Moving in marches upon the
heavenly plain,
As the stars that are starry in the time of
our darkness.
To the end, to the end, they remain.*

Aos Que Morreram

Orgulhosamente grata, como uma mãe pelos filhos,
Inglaterra chora os que morreram além-mar.
Eram carne da sua carne, espírito do seu espírito,
Caíram pela liberdade.

Solenes rufam os tambores: a morte, majestosa e nobre
Canta a sua dor nas esferas imortais.
Há música nesta desolação
E uma glória que brilha nas nossas lágrimas.

Partiram cantando para a batalha, eram jovens,
Membros firmes, olhar verdadeiro, firmes e radiantes.
Leais até ao fim perante incontáveis adversidades,
Caíram fitando o inimigo.

Lutaram, foram ferozes, nada os podia domar,
Nem fome, nem batalhões, nem bombardeamentos
devastadores.
Riam, cantavam canções de Inglaterra,
Caíram de olhos abertos e sem medo.

Não vão envelhecer, como nós que ficámos,
iremos envelhecer.
O tempo não os irá desgastar, os anos não
pesarão sobre eles.
Ao pôr-do-sol e pela madrugada
Os havemos de recordar.

Nunca mais hão de confraternizar com os seus
joviais camaradas;
Não mais se sentarão à mesa com a família;
Não voltarão a ter as tarefas do trabalho diário;
Eles dormem para lá das névoas de Inglaterra.

Mas lá onde residem os nossos desejos e as nossas
mais profundas esperanças,
Tal como uma nascente se esconde da nossa vista,
No mais íntimo do coração da sua pátria eles são
conhecidos
Tal como a noite conhece as estrelas.

E como as estrelas que hão de brilhar quando nós
formos apenas pó,
Movendo-se pela planície celeste,
Como as estrelas que resplandecem nos tempos
de escuridão,
Até ao fim dos tempos eles viverão.



Com o encerramento ao público do Teatro Nacional de São Carlos para obras de Conservação e Restauro, Requalificação e Modernização no âmbito do PRR — Plano de Recuperação e Resiliência, a Orquestra Sinfónica Portuguesa e o Coro do Teatro Nacional de São Carlos sobem a outros palcos nacionais: uma viagem musical que percorrerá o país ao longo dos próximos meses, com a ambição e o rigor de sempre, e o objetivo de divulgar a música, a ópera e o património musical português.

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DO OPART

Conceição Amaral · *Presidente*

Rui Morais · *Vogal*

Sofia Meneses · *Vogal*

COMISSÃO ARTÍSTICA DO TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

Maestro João Paulo Santos · *Coordenação*

Maestro Antonio Pirolli

Maestro Giampaolo Vessella

PARCEIRO DA VIAGEM ENTRE GUERRAS

**TEATRO
ABERTO**

São Carlos em *andamento*



© CARLOS PINTO

FIGUEIRA DA FOZ · ALCobaça
SINTRA · LISBOA · MONTIJO
RIO DE JANEIRO

DE MAIO A JULHO
TEMPORADA 2024-2025



idealista

